



Galante

Scriptorin **Candinha Bezerra**
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO

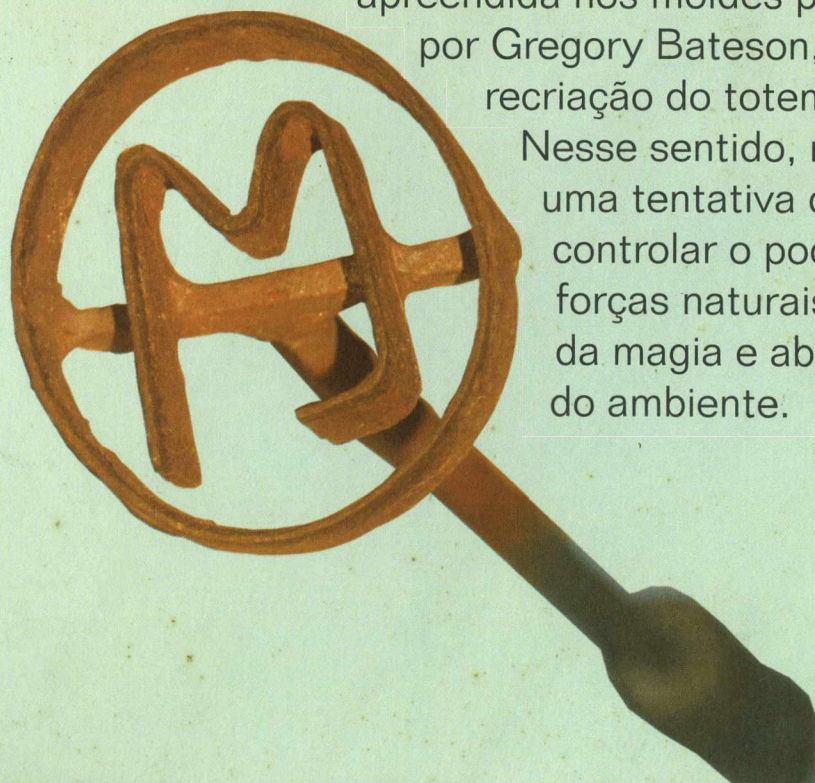
Nº 07
VOLUME 03
Fevereiro
2004

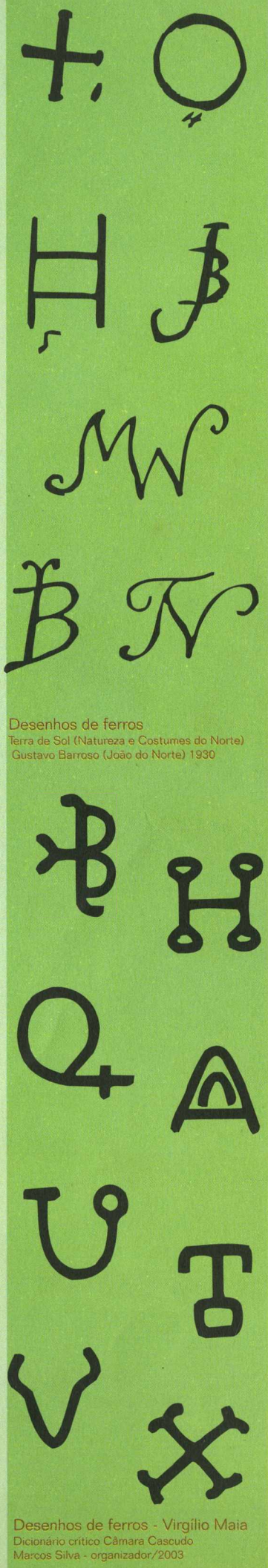
HERÁLDICA SERTANEJA

Maria Aparecida Lopes Nogueira

A Heráldica remete a imagens arquetípicas, primordiais, quando apreendida nos moldes propostos por Gregory Bateson, como recriação do totemismo.

Nesse sentido, representa uma tentativa de controlar o poder das forças naturais, por meio da magia e abundância do ambiente.





Desenhos de ferros
Terra de Sol (Natureza e Costumes do Norte)
Gustavo Barroso (João do Norte) 1930

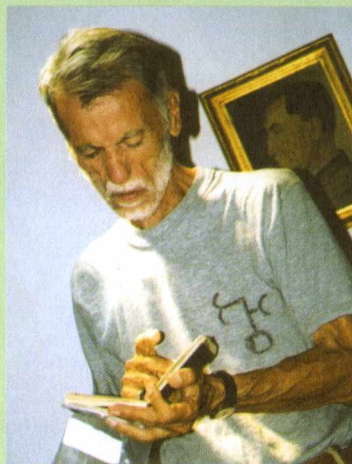
Desenhos de ferros - Virgílio Maia
Dicionário crítico Câmara Cascudo
Marcos Silva - organizador/2003

Ou seja, ela ritualiza essas forças, imprime significado à vida e ao cosmo, simulando uma nova realidade. Na antiga África, o simbolismo da tradição forjava a união dos membros de um determinado clã, pois os animais totêmicos eram investidos de qualidades sobrenaturais e honrados com arte reverencial.

Ao migrar para a Europa, a Heráldica é recriada e passa a representar o pertencimento às casas reais, através de brasões, coroas e outros símbolos. Com o passar do tempo, a filiação ao grupo foi sobrepujada pelo orgulho e pedantismo da nobreza, terminando por desvirtuar o significado do pertencimento.

Segundo Cléber Gonçalves, a palavra Heráldica deriva do latim heraldus e significa a pessoa que, nos tempos medievais, se encarregava da direção dos torneios. Ensinada nas escolas e institutos, era considerada uma ciência, pois supunha a decifração e composição de códigos encontrados em escudos de armas, conforme regras e leis concernentes a cada nação.

Mas o interesse deste trabalho é focalizar um desdobramento específico da Heráldica, ou seja, a Heráldica Sertaneja, denominação criada por Gustavo Barroso para designar todo o conjunto de marcas de ferro-de-marcar boi, encontradas no Nordeste brasileiro. Convém ressaltar que tais



Oswaldo Lamartine de Faria
Sua marca de ferrar boi impressa em sua camisa.

marcas exprimem o pertencimento de um indivíduo a uma determinada família sertaneja, ressignificando o sentimento de pertença através dos tótems, existentes na África, como já foi referido. Distante das operações do pensamento domesticado, essa Heráldica, conforme



Ferros de Ribeiras desenhados
por Oswaldo Lamartine de Faria.
Pirogravado em couro bovino por Marcos Lopes

Oswaldo Lamartine de Faria, no livro Ferros de Ribeiras do Rio Grande do Norte, é "forjada na luta sem canseiras de escapas às secas, à mímica de recursos, rasgando as carnes contra os espinhos da caatinga e a flecha do gentio, naquelas solidões do sem fim. [...] Foi gravada a ferro caldo no viver da solidão de um

anônimo e esquecido nos ermos da terra onde vaquejavam os seus rebanhos. Brasão sem cores nem cintilações, queimado a fogo no couro vivo dos gados, nas tábuas das portas, nos caixotes, nos teréns, nos mourões das porteiras ou pintados em traços grotescos nos tecidos grosseiros das sacarias, com a nódoa indesbotada do fio pardo do leite do pinhão-bravo" (1984:23).

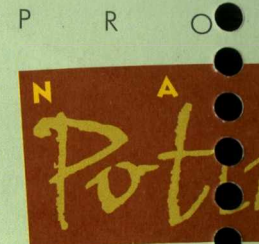
Pode-se afirmar que a Heráldica Sertaneja expressa uma cognição construída na relação tensional homem x natureza, no caso, homem x semi-árido. Essa interpretação reforça a idéia de co-evolução formulada por Humberto Maturana e Francisco Varela; portanto, a cognição é construída na própria experiência, ou seja, não há uma realidade

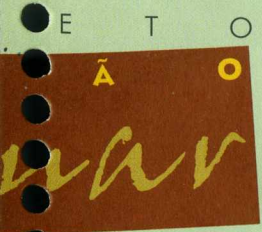
independente. Trata-se, portanto, de uma operação do pensamento selvagem, nos moldes propostos por Claude Lévi-Strauss. Na condição de Ferreiro, o Sertanejo colabora com a obra da natureza. De acordo com as

crenças arcaicas, as substâncias participam da sacralidade da Terra-Mãe. Desse modo, os minerais crescem no ventre da Terra e o Ferreiro ajuda nesse crescimento, intervindo, portanto, no ritmo temporal do ferro. O ferro é, então, uma matéria viva e sagrada. Manipulá-lo significa atualizar um ritual

estabelecido pelo homem arcaico relativo às substâncias minerais. Trata-se de uma experiência mágico-religiosa que, nas sociedades arcaicas, apenas era transmitida pelos ritos de iniciação específicos de cada ofício. Os chamados primitivos trabalhavam o ferro meteórico muito antes de saberem utilizar os minerais de ferro encontrados na superfície da Terra. Tratavam-no como se fossem pedras, utilizando-os para o fabrico de utensílios líticos, pois ignoravam a fusão dos minerais. A metalurgia mais propriamente dita da América Central e Meridional tem origem provavelmente asiática, segundo Mircea Eliade, entre os séculos VIII e IV antes de Cristo. Entre os povos da Antiguidade Oriental, o vocábulo mais antigo designa o ferro é a palavra suméria AN-BAR, constituída pelos signos pictográficos "céu" e "fogo", traduzido por "metal celeste" ou "metal estrela". Também entre os egípcios e os gregos há referências à qualidade celestial do ferro.

A descoberta da metalurgia, no período entre 1200-1000 a.C. nas montanhas da Armênia, inaugura uma nova etapa na história da humanidade, a Idade do Ferro. A metalurgia logo tornou-se industrial e se expandiu no Oriente Próximo, no Mediterrâneo e na Europa Central. Apesar do





advento de sua industrialização, o ferro conservou seu valor sagrado, que sobrevive, até hoje, entre alguns povos da tradição. A Idade do Ferro deu origem a um grande número de ritos e mitos que se refletiram na espiritualidade humana. Esse denso e rico universo simbólico antecipou até mesmo algumas aplicações utilitárias, como o carro que, originalmente, foi utilizado como veículo das procissões rituais: transportava o símbolo do Sol ou a imagem do deus solar. Como foi dito, talvez o Vaqueiro-Sertanejo no seu ofício de marcar a ferro

o gado, esteja repetindo um ritual arcaico, prene de simbologia, que sacraliza o ferro, o ferreiro e as ferramentas. Esse ritual reconta indefinidamente o mito do ferreiro, filho do criador, que veio à terra com o objetivo de finalizar de alguma maneira a obra do Pai. Reconta o sacrifício de crianças na forja, antes de iniciar o trabalho. O fato é que, desde a Grécia havia a marcação a ferro de animais, como expressa o poeta Anacreonte quando se referia ao reconhecimento dos cavalos através da marca queimada em sua coxa. No Egito Antigo, as antigas pinturas mostram a ferração do gado. Na Roma Antiga, o poeta Virgilius registra a ferração em uma passagem das suas Geórgicas: Nascida a criação, outro cuidado seja; deixe as mãos, venha a prole. Antes de mais desvelos, tens de ferrar com fogo marca dos vitelos.



Chico Ferreiro - Caicó/RN



Scriptorin Candinha Bezerra
FUNDAÇÃO HÉLIO GALVÃO
Fone: (84) 211-8241/fax: 211-8790

Direção Artística e de Pesquisa
Dácio Galvão

Fotografias
Candinha Bezerra

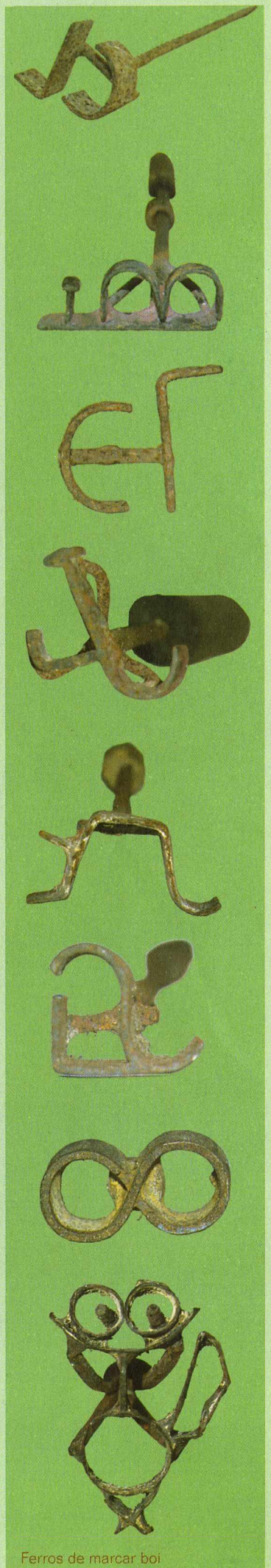
Consultoria
Luiz Assunção

Colaborador
Maria Aparecida Lopes Nogueira
Profa. do Programa de Pós-Graduação em Antropologia-UFPE

Programação visual
CO2 COMUNICAÇÃO

Na tentativa de reconstituir esse trajeto antropológico da marcação a ferro do gado, da Roma de Virgilius as marcas seguiram para a Península Ibérica, e daí para as Américas, e, por conseguinte, para o Brasil. Entre nós, brasileiros, encontra-se registro da marca de Brás Cubas, fundador de Santos. Em atas lavradas na capitania de São Vicente, datadas de 27 de maio de 1526, há outras referências de marcas. No Brasil, o uso da marcação a ferro foi logo absorvida pelos povos indígenas, segundo dados do antropólogo italiano Guido Boggioani, coletados junto aos guaicurú, do Mato Grosso do Sul, no final do século XIX. O próprio Darcy Ribeiro também encontrou tal ofício entre os Kadiwéu. Do norte ao pampas gaúchos, passando pelo nordeste, utiliza-se a marcação a ferro do gado. Entre os autores brasileiros que desenvolveram estudos sobre a Heráldica Sertaneja, seduzidos pela forja criadora, podemos citar: os cearenses Gustavo Barroso e Virgílio Maia, que pesquisaram as marcas do Ceará, o nordestino-grandense Oswaldo Lamartine de Faria, que se dedicou à pesquisa dos ferros do seu estado.

Virgílio Maia chama atenção para a marca da Freguesia, que no Ceará designa o território ou município - no qual a rês é criada, ferrada no lado esquerdo da rês, enquanto a marca ferrada do lado direito é indicativa do dono da rês. No Rio Grande do Norte é utilizado o termo Ribeira no lugar de Freguesia. Outro estudo importante foi desenvolvido pelo escritor paraibano Ariano Suassuna, que se voltou para as marcas do sertão do Cariri, na Paraíba. De acordo com ele, as marcas revelam um ferro ancestral familiar, e as diferenças a ele adicionadas pelos descendentes, seguindo regras previamente estabelecidas. É a este encadeamento que envolve o ferro ancestral ou mesa familiar e as marcas a ele interligadas, que se denomina Heráldica Sertaneja. Baseado nessa Heráldica, o autor criou um Alfabeto Sertanejo. Tais marcas, ainda segundo Suassuna, mantêm estreitas relações com alguns signos ligados à Astrologia, ao Zodíaco, ao Ocultismo, à Alquimia e às runas (antigas letras germânicas), copiados de Almanques como o Lunário Perpétuo, o Verdadeiro Livro de São Cipriano, e de inscrições rupestres. Tudo isso reitera a idéia de que a Heráldica Sertaneja opera a filiação do Sertanejo com o Homem Arcaico, aquele que devaneava ao redor da fogueira. Mais do que ferrar, a pulsão do Ferreiro-Sertanejo é participar do mundo vivo do metal. Por isso amadurece o ferro no fogo. É nas tendas que a marca de ferro batido é forjada. Primeiro o desenho é rabiscado no



Ferros de marcar boi



Marca em chocalho metálico
(Campos -Serra Negra do Norte/RN)

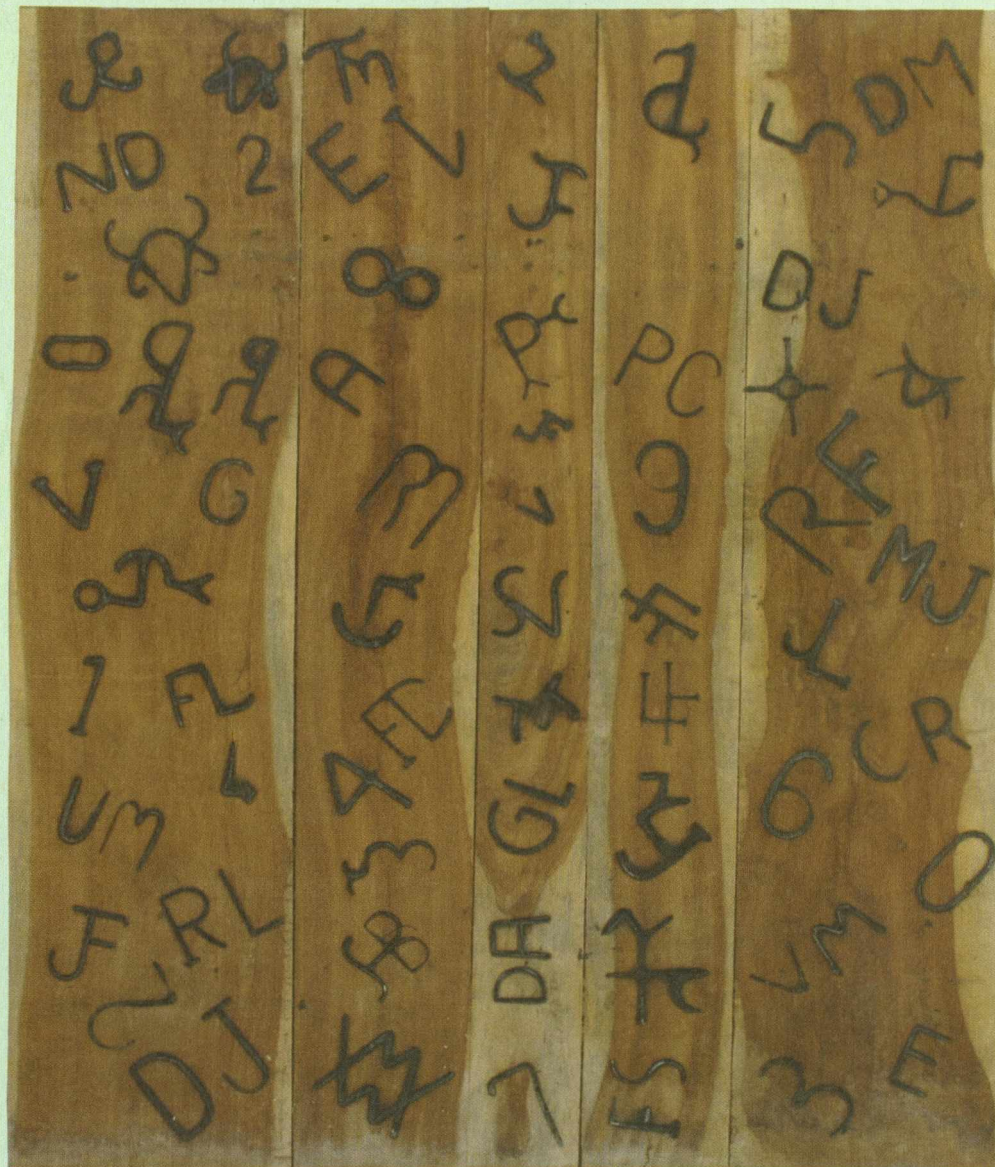
chão com graveto, depois em um papel, até tornar-se modelo. Hoje em dia o ferro é soldado. No Nordeste, o ato de marcar a ferro, ocorre, geralmente, a partir do mês de julho, quando se inicia o verão, no intuito de reduzir a possibilidade da ferida causada pelo ferro em brasa não cicatrizar. Ao contrário de outros tempos, quando o gado era criado à solta, hoje não se realizam as denominadas "festas de apartação", quando os fazendeiros vizinhos se juntavam para ferrar o gado, em meio a cavalhadas, cantorias, bailes e casamentos, como ressalta Câmara Cascudo. As marcas são ecos materializados dos ferros, são transmitidas oralmente de geração a geração de criadores, constituindo um saber que escapa à domesticação, cuja musicalidade se encontra na própria vibração da forja. Convém citar um exemplo extraído do livro de Oswaldo Lamartine de Faria. O ferro de seu pai, Juvenal Lamartine de Faria (1874-1956), foi herdado de seu bisavô materno Joaquim Álvares de Faria (1800-1862), da Fazenda Arapuá. A marca do próprio Oswaldo é uma variação desse desenho básico, assim como os ferros dos seus irmãos Olavo, Clóvis, Octavio e Silvino. A Heráldica Sertaneja segue regras básicas

fomentadas por vinte e uma diferenças em relação à marca ou mesa familiar (desenho básico). Entre elas: a balança ou meia-balança, o batim, a choupa ou flecha, a lua ou roda, pé-de-galinha, baú, asa e flor.

pulsão humana para o divino. Se desse tronco parte um puxete ou uma linha horizontal rematada por uma meia-lua, pode-se interpretar o encontro da Terra com o Céu. O fato é que, fomentadas pela simbologia antiga, as

por isso o Ferreiro-Sertanejo é, como Prometeu, também um "senhor do fogo". Pelas suas mãos e ferramentas sagradas, ele opera a passagem de um estado a outro da matéria, através do fogo; ao mesmo tempo

nos moldes dos xamãs, feiticeiros e magos. O Ferreiro nos convida a participar dos devaneios sobre a matéria, pois conhece, mais do que qualquer outro, a alma do ferro. Apesar de todo o avanço da indústria metalúrgica, o verdadeiro Ferreiro não pode esquecer os sonhos primitivos, talvez por isso esse saber da tradição expresso nos ferros de marcar boi no Nordeste brasileiro, e, mais especificamente, no Rio Grande do Norte, continue vivo, como um devaneio concreto que domina. Talvez no ofício ferra, o Ferreiro-Sertanejo transmita a rica mitologia que envolve esse universo. Cada marca de ferro é uma assinatura, a revelação de um Deus guerreiro e íntimo. O Ferreiro-Sertanejo traz à tona a densidade dos devaneios da forja. Ele contempla e cria uma obra que o permite participar do devenir de um cosmos metálico, que se submete às suas mãos e ferramentas sagradas. Revive forças ancestrais, de um passado para sempre cravado dentro de nós.



Janela Heráldica de Dácio Galvão/2000
Marcas de ferros seridoenses sobre Imburana

As formas mais simples e seus significados estabelecem o início dessa Heráldica. A linha reta, ou tronco, colocada verticalmente expressa a

insígnias dos ferros variam seu nome e significado de acordo com a posição em que se encontram. Mas a obra só é realizada na dramaticidade do fogo,

que participa da magia de modificar o mundo, rejuntando, enfim, o par de opostos natureza-cultura. Como "senhor do fogo" compartilha do universo

FIERN
SESI

UNP UNIVERSIDADE
POTIGUAR
www.unp.br

Nossa cultura, nosso saber.